

Flagelos, cercados e colonialidade: da seca aos currais da fome em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz

Flagelos, cercamientos y colonialidad: de la sequía a los corrales del hambre en O Quinze, de Rachel de Queiroz

Soraia Costa Magalhães
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
soraiaconstamagalhaes@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-3245-7801>

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo refletir e analisar o contexto social no estado do Ceará em 1915 quando a seca é presenciada e medidas extremas de encurralar sujeitos despossuídos são evidenciadas como políticas da morte e reflexos da colonialidade/modernidade. Para esta discussão, utilizaremos a obra *O Quinze* (1930), da escritora Rachel de Queiroz, para retratar as dimensões socioculturais presentes em uma relação de cultura regional. Logo, neste levantamento bibliográfico, primeiramente nos centramos no contexto histórico e literário da obra, em seguida fazemos um estudo sobre como os personagens enfrentavam os infortúnios da seca, a segregação e as condições mínimas de sobrevivência e, por fim, analisamos a criação do primeiro campo de concentração como um espaço de se fazer morrer alguns sujeitos.

Palavras-chave: Ceará; seca; políticas da morte; *O Quinze*; campo de concentração.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo reflexionar y analizar el contexto social en el estado de Ceará en 1915, cuando se asiste a la sequía y medidas extremas para arrinconar a los sujetos desposeídos son vistas como Políticas de muerte y reflejos de la colonialidad/modernidad. Para esta discusión, utilizaremos la obra *O Quinze* (1930), de la escritora Rachel de Queiroz, para retratar las dimensiones socioculturales presentes en una relación de cultura regional. Por lo tanto, en este relevamiento bibliográfico, primero nos centramos en el contexto histórico y literario de la obra, luego estudiamos cómo los personajes enfrentaron los infortunios de la sequía, la segregación y las condiciones mínimas de supervivencia y, finalmente, analizamos la creación del primer campo de concentración como espacio para hacer morir a algunos sujetos.

Palabras-clave: Ceará; sequía; políticas de la muerte; *Los Quince*; campo de concentración.

INTRODUÇÃO

A seca, como tem sido apresentada: fome, migração, miséria, isolamento, segregação e mortes, nos dá pistas, neste trabalho, para um estudo sobre uma obra literária cearense que vai retratar o estado do Ceará envolto na problemática que a estiagem provoca quando é presenciada na região. Levando em consideração o Nordeste ser uma das áreas afetadas pelo baixo regime de chuvas e pela aridez no solo, essas áreas abrangidas pelo fenômeno da seca retratam uma questão, além de natural, também política em seu tratamento em busca de conter os problemas e infortúnios que a estiagem provoca. Devido ao nosso estado estar localizado dentro do *Polígono das Secas*, como uma região geográfica definida e delimitada por legislação e por ser marcada pela ocorrência do fenômeno da seca, é muito comum presenciarmos referências ao Nordeste como uma região pobre ao contrário do Sul, visto como próspero e refinado, sobre isto, corremos o sério risco de um “perigo de uma história única” (Adichie, 2019).

A irregularidade de chuvas na região semiárida do nordeste brasileiro ocorre com frequência devido à sua vulnerabilidade hídrica, gerando problemáticas e discussões em torno da ausência de políticas públicas eficazes para conter os desajustes sociais, pois, “historicamente, verifica-se que o nordestino, nas diversas formas de ocupação do território, fundamentou a sua economia no aproveitamento do potencial hídrico localizado, explorando de forma extensiva tanto a agricultura quanto a pecuária” (Rebouças, 1997, p. 141). Em razão disso, a seca, quando se apresenta nos sertões, desencadeia grandes impactos na vida dos sertanejos, pois “é um fenômeno que desestrutura periodicamente a vida dos sertanejos cearenses, ao inviabilizar a agricultura de subsistência com base na organização familiar do trabalho” (Neves, 1995, p. 93).

É a partir desse contexto que nossa pesquisa começa se estruturando, pois os infortúnios da seca provocam, ao longo do tempo, rupturas nos modos de subsistência nos sertões desde séculos passados, a exemplo da seca de 1877-79, que provocou, nos sertanejos, atos desesperadores ao enfrentar as longas paragens dos sertões em busca de salvaguarda na capital cearense, pressionando-a por assistência. Naquele dado momento, uma grande massa de sertanejos, com seus corpos cansados e sua saúde devastada, chegava em Fortaleza com a esperança de sobreviver aos flagelos da seca,

mas encontraram um governo despreparado para a seca, “isolado em seu palácio, oculta-se de propósito, para não ver o desfilar do préstito da miséria pelas ruas da capital!” (Teófilo, 1979, p. 116). O silêncio opressor do governo nos possibilita pensar “uma sociedade em que os privilegiados, confortavelmente sentados, se recusam a se apertar para abrir espaço ao recém-chegado” (Césaire, 2020, p. 63).

Portanto, os direcionamentos dos sertanejos para a capital cearense representam um descompasso para a cidade que buscava ser evoluída, contudo, em épocas de estiagem, era marcada pela realidade que a pobreza impunha aos habitantes do sertão, ocasionando um atraso socioeconômico para os governantes e elites locais, que estavam se encaminhando bruscamente para o tão estimado progresso econômico e cultural da capital. Assim sendo, a massa de sertanejos, agora na figura de retirantes assolados pelas secas, implica, para esses donos do poder, um olhar opressor para essa população que, aos moldes destes, precisava ser civilizada, vigiada e controlada, pois era vista como classe perigosa.

Por conseguinte, ao olharmos no íntimo, percebemos o pensamento autoritário do europeu na classe dominante cearense em épocas de seca, que enxergava, na figura do sertanejo em direção à Fortaleza, a chave para sua opressão e dominação perante uma ideia de progresso que, por muito tempo, legitimou a exploração, pelo europeu, de outros povos e territórios; “desde a chegada dos europeus, que se apossaram das terras e dizimaram a maioria das populações nativas, as relações sociais são marcadas pela violência” (Lima, 2015, p. 309). Neste sentido, o padrão da colonialidade-modernidade imposto privilegia uma matriz dominante e superior que coloca não só países, mas também sujeitos à frente daqueles que pretendem seguir seus passos; “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva” (Fanon, 2008, p. 34). Assim são os modos operantes, alicerçados nos jogos regidos pelas camadas sociais, que mantêm a dicotomia da superioridade e inferioridade de raças e, se tratando do Ceará, por ter a mistura do sangue negro, são evocados como raças inferiores, neste caso, impelidos ao adestramento de seus corpos pela massa dominante que o colonialismo privilegiou; “os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais” (Quijano, 2005, p. 118).

As estruturas e os jogos de poder que regem todas as camadas sociais fazem-nos

perceber sujeitos inferiorizados e outros em ascendência. Isso nos permite perceber os discursos eurocêntricos vigentes e comportamentos segregacionistas como justificativas para atrocidades em momentos como a invasão europeia no novo mundo e das secas no Nordeste brasileiro, este último a partir da exploração da mão de obra dos retirantes, da mortandade e do adestramento desses corpos para serem moldados a partir das ideias vigentes dos que detinham poder e apoio do governo. Essa exploração, embasada a partir de ideologias raciais, vingadas a partir das diferenças fenotípicas, cuja principal finalidade seria a promoção da superioridade de um povo em detrimento do outro, serviam para legitimar a subordinação desses sujeitos considerados inferiores. Aníbal Quijano (2005) reflete sobre essas questões da colonialidade, como permanência na estrutura de poder:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (Quijano, 2005, p. 118).

Ao pensarmos nessa estrutura da colonialidade vigorando, podemos, assim, apontar as figuras dos retirantes como sujeitos subjugados se tornando o “outro” do atraso e do tumulto ao ponto de serem considerados desprezíveis, descartáveis e insignificantes. Essas ideias são justificadas a partir de um pensamento eugênico, maquiado de ciência e racismo de um povo que via na imposição uma oportunidade de silenciá-los e dominá-los como desculpa de uma modernização que possui como marca, em muitos momentos da história, o sangue de povos originários e de inúmeras etnias sequestradas do continente africano que foram submetidas ao projeto colonialista.

Dessa forma, a migração periódica, a segregação e a luta contra a fome e por consequência da opressão vem sendo contada por diversas obras que contam os efeitos sociais provocados pelas estiagens, de escritores como Rodolfo Teófilo, intelectual cearense que esteve envolvido em importantes momentos da história do Ceará nas passagens do século XIX e XX, revelando em sua obra *A fome* (1979) o contraste de uma severa seca que castiga o povo cearense deixando marcas indigestas. Rachel de

Queiroz, escritora brasileira e a primeira mulher a entrar para a *Academia Brasileira de Letras* e a receber o Prêmio *Camões*, revelou, em seu romance *O Quinze* (1930), denúncias importantes para entendermos como a seca foi um negócio proveitoso para alguns sujeitos. Vale ressaltar o lugar social da escritora como uma mulher que não sofreu os flagelos da seca e que conta a história a partir do seu viés social. No mais, em ambos os romances, podemos vislumbrar o esvaziamento do sertão por causa da seca, ou seja, a retirada de personagens de diferentes classes sociais rumo à capital cearense e o contexto brutal que a política da morte pode causar perante a desumanização de alguns corpos que ameaçavam a “civilização”.

No decorrer do percurso deste trabalho, alguns elementos de reflexão ganharam destaque ao mesmo tempo em que outros foram sendo construídos ou abandonados. Passo a passo, a pesquisa foi ganhando rosto e, desse modo, tornou-se possível definir melhor os objetivos do trabalho, quais sejam: discutir como as classes dominantes tentam controlar os retirantes em momentos de estiagem; refletir sobre os modos pelos quais os sertanejos vivenciaram a seca a partir das forças de controle ou repressão e, por fim, analisar os campos de concentração da seca como táticas segregacionistas de poder colocadas em direção do retirante, que se tornou uma política mortífera do governo. O corpo humano transforma-se em obstáculo a ser superado pelos detentores do poder a partir de uma herança colonialista da cultura europeia que condena corpos e os desumaniza; em se tratando do sertanejo, a violação dos direitos viabiliza o confinamento desses corpos nos campos de concentração da seca por serem tratados como classes perigosas que precisavam ser disciplinadas, pois eram indignos de proteção.

Para mais, essa realidade ligada ao fenômeno das secas sazonais que castigam o estado do Ceará foi plasmada, como já exposto acima, pela escritora Rachel de Queiroz, em seu romance *O Quinze* (1930), obra que será, neste trabalho, analisada em seus diferentes aspectos, sejam eles literários ou sociais. Nesse sentido, interessa-nos compreender como a seca se manifestou no século XX a partir do panorama político, econômico e social, tendo em vista a narrativa do romance de Queiroz que nos levará para um mundo onde a ficção vai contando, a partir de seus personagens e enredo, a emblemática seca de 1915, haja vista que a realidade do Nordeste brasileiro e do êxodo rural é decorrente de fatores como a seca e a ausência de políticas governamentais para

os sertões, que tenham como objetivo a geração de trabalho e renda, que proporcionem a sobrevivência dos sertanejos em épocas de estiagem.

Portanto, iniciamos nossos questionamentos e análises sobre esse período da seca em 1915 a partir do descaso com as classes menos favorecidas, nas quais presenciamos sangue humano derramado de um lado e do outro a busca incessante de legitimação por parte do governo dessa tática mortal de poder com base na lógica da colonialidade/modernidade. Desta forma, vamos utilizar a obra *O Quinze* (2012) como corpus da nossa pesquisa, visto que buscamos tratar as dimensões socioculturais presentes de uma cultura regional, no caso a cearense, em que personagens da obra revelam influências próprias de seu espaço social e trazem o reflexo da seca que constitui igualmente uma fonte de memórias históricas da autora, que vivenciou esse período de flagelo. É valoroso destacar o papel significativo que a literatura possui em preservar questões de uma época, possuindo um forte elo com o espaço e com as condições socioculturais onde foi construída, sendo assim, “a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário: a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História” (Barros, 2010, p. 2).

Não obstante, ao tratar o romance de Queiroz, estabelecemos espaço para debater sobre a primeira experiência em encurralar os retirantes em um único espaço em 1915, a partir do primeiro campo de concentração da seca. Portanto, os infortúnios da seca contados por Queiroz nos direcionam para a onda de famintos que começavam a procurar a capital para refugiar-se das calamidades que a irregularidade de chuvas provocava. É nesse contexto social que novas medidas de conter essa população vão ser utilizadas, pois a capital já não era mais a mesma após a experiência com essa população no ano de 1887-89, quando se perdurou a grande seca conhecida atualmente como “*seca dos três sete*”.

Por consequência, surge essa primeira experiência em isolar a população pobre dos centros urbanos da capital cearense ao inaugurar o primeiro campo de concentração localizado no Alagadiço em Fortaleza, que se tornou uma medida atroz do governo de “amparar” a população que sofria com a estiagem. Ao longo da experiência, foi possível revelar um espaço de “piores condições sanitárias, onde os números da morte também se concentraram: em geral, era mais fácil morrer no campo do que fora dele!” (Neves, 1995, p. 100). É nesse contexto que buscamos finalizar nossa pesquisa ao analisarmos

essa impiedosa máquina da morte que foi o campo de concentração da seca em 1915 e posteriormente de 1932 apresentando esses “espaços privilegiados para um estudo sobre a construção dos lugares de isolamento da pobreza em face do medo que a multidão faminta causava em Fortaleza durante as secas” (Rios, 2014, p. 9). Isso posto, coloca-se em comprovação que a busca incessante pelo progresso intimidante e autoritário “no fundo do capitalismo, ansioso por sobreviver, há Hitler. No fim do humanismo formal e da renúncia filosófica, há Hitler” (Césaire, 2020, p. 19). Logo, razão, disciplina, moralidade e dominação fazem parte do projeto de Brasil que se almejava pela classe burguesa e pelo governo, perpetuando-se uma noção de dominação estrutural com as particularidades inerentes ao país e aos semiáridos cearenses, isso significa que os campos de concentração da seca instalados no Ceará nos anos de 1915 e 1932 são parte de um projeto de isolamento de corpos vistos como ameaças à moralidade e ao progresso no estado em que os retirantes eram vistos com indiferença e suas vidas ameaçavam o cotidiano civilizado de outras vidas consideradas importantes. Percebemos, assim, o quanto as instâncias do necropoder impediam o reconhecimento de alguns corpos e como o governo procurava regular e controlar quem era digno da vida.

Tendo em vista cumprir o propósito do artigo, apresentamos, em seguida, os aportes conceituais que vão nos servir como lentes analíticas para desenvolvermos nossa pesquisa. Teóricos como Frederico de Castro, Kênia Rios, Frantz Fanon, Tyrone Candido, Hannah Arendt, Achille Mbembe, Walter Mignolo, Aníbal Quijano e outros que, nesta pesquisa, costuraram nossos caminhos para entender as tessituras que regem nosso trabalho. Desse modo, todos os pesquisadores ajudaram em nossas narrativas para descrevermos o ambiente onde a seca opera e como o romance de Queiroz se torna relevante para entendermos os jogos sociais, políticos, econômicos e culturais quando o fenômeno da seca se apresenta moldando as estruturas sociais e a pirâmide do poder, questão sobre a qual versamos a seguir.

ANÁLISE DA OBRA

O Quinze configura-se como uma obra regionalista de cunho social com enfoque na região nordestina, apresentando a seca ocorrida nesta região do Brasil em 1915 como

elemento principal que manipula a tessitura do texto e a trama da narrativa. Nesse viés, a seca vai impondo ritmo à narrativa e/ou movimentação dos personagens e temas que vão sendo discutidos ao longo da obra. Portanto, trazendo uma narrativa de cunho linear, Queiroz retrata a realidade dos sertanejos quando a região é atingida pela seca em 1915. É nesse contexto que o romance vai se envolvendo e adquirindo um forte teor social e crítico, que, além de focar na realidade dos sujeitos locais, retrata a fome e a miséria quando a seca se apresenta.

Assim sendo, é importante destacarmos as questões envolvendo a respectiva obra, como a sua publicação na década de 1930, que aconteceu um ano após a crise de 1929 e também posterior ao final da Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, adentrava a segunda fase do Modernismo no Brasil, cujo regionalismo foi tema importante, para esse período. Portanto, temas como o da seca e das mazelas sofridas pelo Nordeste foram levantados de forma crítica por diferentes autores da literatura brasileira. Sendo assim, a década de 1930 foi um período importante para a multiplicação das literaturas regionais, marcando um novo olhar, que abrangeu a temática nordestina. Nesse viés, a escritora Tamaru (2004, p. 16) descreve:

O conjunto desta produção cultural responde por um objetivo específico: definir e divulgar um espaço e uma cultura nordestinos a partir dos anos de 1920 no Brasil. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional com um “ethos” cultural próprio, autêntico, avesso ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução.

Para mais, a obra parte de um enredo simples e objetivo, possibilitando Queiroz captar com veemência o que ocorria com as pessoas de diferentes camadas sociais no cenário em que a seca se alastra no Ceará no início do século XX. Para isso, a escritora produziu um romance, que se enquadra no regionalismo da década de 1930, adotando, em sua literatura, temas de origem popular. Para além, Godói (2018, p. 3) nos ajuda a entender que:

Surge então, com o Regionalismo de 30, temáticas que irão representar e elucidar as mazelas sofridas pelo povo nordestino, como o tema da seca, da fome, do cangaço, do messianismo, mas também outros pontos, como a corrupção e o paternalismo. Assim, a questão social será amplamente explorada por estes autores regionalistas, que irão demonstrar a dura

realidade do Nordeste e de sua população, que apesar das amplas barreiras sociais que lhes foram impostas, não tomaram uma posição passiva diante do contexto vivido. Para além da penúria, a Tradição nordestina também será uma forte marca desta segunda fase do Modernismo, com forte ênfase na memória coletiva. A cultura popular irá legitimar a tradição nordestina e a forma leve de escrita destes autores, marcada pelo realismo, trará certa identificação do leitor com a vida e situações dos personagens da literatura de 30. Neste sentido, a autora Rachel de Queiroz, imersa neste contexto, tratará estes aspectos em muitas de suas obras, como “O Quinze”.

Queiroz produziu uma obra revolucionária, cuja escrita também vai emitir diversas denúncias sobre o momento que a seca se faz presente em solo cearense e as desigualdades sociais desse momento histórico, ao evidenciar “o drama sofrido pelos retirantes da seca, que tomaram atitudes desesperadas ao soltar o gado para morrer à revelia e perderam a ética cristã de preservar os bens alheios. Não há ética na fome” (Câmara; Câmara, 2015, p. 179).

No mais, as estiagens permanentes no Nordeste brasileiro são uma realidade e a migração rural presente em obras ficcionais tal como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, é passível de análise e interpretação, por ser uma representação da realidade. Em suma, a obra nos permite visualizar personagens injustiçados, falta de consciência e irresponsabilidade do governo pelo destino dos retirantes e toda a injustiça e desigualdade que foram desencadeadas a partir da seca e da omissão de políticas públicas. A exemplo da miséria, fome e doenças presentes nesse período, sendo fatores constantes na vida daqueles que sofriam com os flagelos da seca e encontravam no governo sua omissão a todas as questões de assistencialismo, era mais vantajoso usar esses corpos cansados de sujeitos marginalizados na história para proveito de seus interesses e das elites locais, usurpando as suas vidas a condições suscetíveis de exploração para a manutenção de estruturas hierárquicas de poder, do que saciar sua fome ou sede. Ou seja, essas questões fundamentam e consolidam que os retirantes, por vezes também flagelado da seca, por serem geralmente o membro mais fragilizado na hierarquia social, não passavam de meros obstáculos facilmente transpostos para sustentar uma pirâmide social onde essas figuras, com seus corpos cansados da seca, seguravam a estrutura com sua força de trabalho, pois “o engajamento numa obra de socorros públicos é a única saída para que o pobre não venha a passar fome” (Cândido, 2014, p. 325). Portanto, “falam-me de civilização, eu falo de proletarização e mistificação” (Césaire, 2020, p. 25).

Dessa forma, Queiroz foi de grande relevância na construção de uma literatura crítica brasileira e por abrir temas de grandes repercussões sobre distintas ópticas e de forma realista à vista do momento histórico brasileiro. Nesse sentido, a autora também vai perceber a diferença de tratamento dado a cada um dos grupos sociais e definir quem foram os agentes criadores e os encurralados da primeira experiência com os campos de concentração da seca, assunto sobre o qual iremos nos debruçar mais à frente neste trabalho.

O Quinze: nos rastros do flagelo

O romance acompanha o desenrolar da vida de personagens sertanejos e quais alternativas, ou a falta delas, são apresentadas como forma de enfrentar a longa estiagem que mazela a região. Queiroz, assim como outros escritores da geração, encontram no espaço do sertão o logradouro de suas narrativas. Esse solo seco, além de ser o terreno que encobre as páginas desses romances, é também elemento caracterizador da prosa regional, que usa sua aridez para construir uma imagem do Nordeste. Desse modo, Queiroz utiliza-se da descrição da paisagem para ilustrar não só os efeitos da seca na natureza, mas também seus efeitos em suas personagens.

O primeiro espaço que preenche a obra é a fazenda de Logradouro, onde vive dona Inácia e sua neta Conceição, que está a passar férias. A estiagem é apresentada na narrativa por meio das preces de Inácia, que, em sua primeira fala, reza pelo fim da estiagem a São José, santo, que segundo a tradição católica no Nordeste, traz a chuva: “tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril” (Queiroz, 2012, p. 9). A fé representa uma ferramenta de esperança das personagens da população sertaneja e é assim transposta para o romance. Mais de uma vez o santo São José é lembrado como intercessor para que a chuva venha. Sua data, 19 de março, é usada como marco que define não só a esperança de inverno, mas também a confirmação do prosseguimento da seca.

Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém (Queiroz, 2012, p. 11).

O caboclo alongou tristemente a voz lamentosa:

— Inhor sim... A dona mandou soltar o gado... Hoje mesmo abri as porteiras...

— E, pelo que ouvi dizer, você ainda esperou uma semana... Hoje é 25...

— Me esperancei que inda chovesse depois do São José... Mas qual! (Queiroz, 2012, p. 17).

A natureza é contudo a maior caracterizadora do espaço sertanejo e da estiagem. A flora da caatinga é mais um elemento apropriado pela narrativa ao tecer as imagens de seca. Queiroz descreve com frequência as cenas que se desenham no romance, fazendo uso da vegetação local e de adjetivos que constroem um cenário de mazela e sequeidão: “Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho” (Queiroz, 2012, p. 12).

O enredo do romance "*O Quinze*" acompanha, entre seus muitos personagens, Chico Bento e sua família; Conceição e sua avó; e Vicente. Todas essas personas buscam seguir suas vidas em meio às adversidades que a longa estiagem apresenta. Chico Bento, em sua travessia do sertão, em busca das terras da capital que trariam a salvação, é confrontado não só pelas condições naturais de seu espaço, mas também por sua condição social, na qual “seu incerto futuro que a perversidade de uma seca entregara aos azares da estrada e à promiscuidade miserável dum abarracamento de flagelados” (Queiroz, 2012, p. 54).

Em contraponto a Chico, destacamos Vicente, jovem de família proprietária de fazenda e cabeças de gado. Este, ao contrário de Chico, possui maior condição financeira, porém nem seus meios são suficientes para manter a si e seu rebanho. Portanto, percebemos que a seca de 1915 evidenciou a falta de olhar para a região semiárida do interior do estado do Ceará, onde faltava não só a chuva, mas também medidas sociais humanitárias que ajudassem a população sertaneja. Destacamos, a seguir, a narrativa que envolve a família de Chico Bento e como a falta de assistência à população carente trouxe consequências aos retirantes da obra e como a realidade da época foi transposta para o romance.

A partida de Chico Bento e sua família: do sertão ao cercado

Sem esperanças Chico Bento e sua família vão em busca de uma vida melhor e mais humana, pois o sertão silenciou e “como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse” (Queiroz, 2012, p. 18), porém se deparam no caminho com a sede e com as injustiças sociais que correm lado a lado “da eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza” (Queiroz, 2012, p. 26). A seca não perdoa, e percebemos tal questão, nas passagens em que a obra retrata o drama vivido pela família de Chico Bento para conseguir as passagens para a capital:

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

— Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte! O homem sacudiu os ombros:

— Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...

Chico Bento foi saindo.

Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! (Queiroz, 2012, p. 20).

Começamos a perceber os jogos políticos e econômicos permanecendo à frente da complacência humana. Haja vista a corrupção, a opressão e a miséria que vão nos dar dicas de como a seca permeia os dois lados: os que detinham de poder “elite local” e aqueles que realmente sofriam com o flagelo da seca e com a falta de políticas públicas que permitissem assistência, neste lado percebemos a figura do sertanejo. Sendo assim, economia e políticas ditas “públicas”, ou seja, para o povo, eram partes de um meio poderoso de introdução de jogos ilícitos de poder, aqueles que detinham poder e privilégios tiravam vantagens daqueles sujeitos que estavam à espera de socorros e despossuídos de qualquer poder hierárquico. Portanto, nessa passagem acima, percebemos que as “Passagens para Fortaleza” eram meios dados àqueles sujeitos detentores do poder que tiravam proveito e vantagem da desgraça, fazendo da seca um “investimento” proveitoso, mesmo que isso acabasse por levar ao agravamento da

situação, “analisando o passado, vemos que o Homem sempre com desculpas de ajudar ou adquirir poder, provoca direta e indiretamente ações violentas” (Pattera, 2015, p. 2).

Chico Bento e sua família, ao perceber que passagens não iriam conseguir, enfrentaram boa parte do caminho até a capital a pé, tendo as paragens secas do sertão como trajeto de sua fuga contra a fome, “se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo” (Queiroz, 2012, p. 37). Em seus longos caminhos na estrada e com o sol latejante, Chico Bento e sua família atravessavam as paragens secas dos sertões em busca da capital, porém a vida de retirantes que cruzavam os sertões a pé não era tarefa fácil, pois tinham que enfrentar as durezas da fome, da sede e da miséria que caminhavam juntas. A família de Chico Bento sofreu com o percurso, perdendo seu filho Josías, que se envenenou com mandioca crua, ao tentar saciar sua fome, “Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz” (Queiroz, 2012, p. 37). Todavia, as desgraças da família de retirantes não acabou, pois, em uma manhã, Chico Bento percebeu o sumiço de seu outro filho que, ao tentar procurar, percebeu que a outros caminhos a criança tinha levado. A mãe esperançosa acreditara que essa infelicidade tenha sido para o bem do menino, pois, ao lado deles e da seca, o menino poderia não se salvar: “talvez fosse até para a felicidade do menino. Onde poderia estar em maior desgraça do que ficando com o pai?” (Queiroz, 2012, p. 48).

Todavia, a esperança começava a chegar ao encontrar seu compadre Luís Bezerra, em seu percurso a pé para a capital logo após a perda de seus dois filhos, é nesse momento que a expectativa de sobrevivência retoma o lugar e sua família recebe passagens de trem para chegar na tão sonhada Fortaleza, pois, sujeitos à fome e ao desabrigo, tinham a ilusão de encontrar salvaguarda na cidade.

Grande parte viajava agora pela estrada de Ferro de Baturité ampliada pelos retirantes de 1877, chegando a Fortaleza em melhores condições gerais de saúde que seus antecessores. Por outro lado, a própria estação já funcionava como uma ante-sala do campo de concentração, facilitando o acesso, diretamente, sem circulação pelas ruas da cidade (Neves, 1995, p. 96-97).

A fuga para a cidade fortalezense era vista por muitos retirantes como o único meio para não morrer de fome na mais completa penúria. Mas o impedimento que uma horda de esfomeados e doentes invadissem a cidade causando prejuízos fez o governo alterar o percurso dos trens, levando-os direto para o primeiro campo de concentração instalado no Alagadiço em Fortaleza, a partir dos sonhos de grandezas, onde o governo, em uma ação desumana, encurralava os retirantes como uma solução para controlá-los. Em passagens da obra, o cenário do campo de concentração é elucidado, deixando evidente a segregação: “se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo” (Queiroz, 2012, p. 49).

Podemos notar o movimento migratório e periódico de retirantes para a capital se tornando uma constante nos momentos de intensidade das estiagens, o governo, nesse ano de 1915, procurou novas maneiras de se livrar dessa população, agora despossuída de qualquer direito à vida, “visto que já não era mais possível a livre circulação pela cidade por parte dos flagelados” (Travassos, 2011, p. 719). Nesse sentido, percebemos o retirante como uma classe perigosa chegando à capital e produzindo medo para as elites locais que mantêm uma rigorosa vigília nesses novos corpos recém-chegados, cheios de vícios, que podiam roubar, saquear e viver em promiscuidade, “o pobre pode suscitar desprezo ou admiração, ser sinônimo de sublime ou de baixeza, provocar compaixão ou escárnio” (Geremek, 1995, p. 7).

Portanto, podemos nos referir ao termo “dar trabalho, nunca esmola” em detrimento dessa sistematização dos corpos em direção ao trabalho, para que os vícios da mendicidade não chegassem. Por essa razão, percebemos o envio dos retirantes para as obras públicas, ou seja, o trabalho como instrumento disciplinador em nome do progresso, evitando a ociosidade em favor de uma tranquilidade para as classes dominantes: “duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe em longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios” (Queiroz, 2012, p. 56). Assim sendo, com os efeitos da colonialidade e modernidade (Mignolo, 2017) ganhando força no Ceará, as estratégias de higienizar os espaços públicos se concretizaram no envio dos retirantes para obras públicas e para o primeiro campo de concentração da seca localizado na capital do Ceará, retirando dos espaços urbanos de Fortaleza a imagem negativa da pobreza que “em épocas diferentes

muda a função principal da imagem do pobre, altera-se a ordem dos valores em que ele está inscrito, modifica-se a avaliação ética e estética desse personagem” (Geremek, 1995, p. 7). Logo, “desenvolveu-se entre as elites locais, a noção de que uma população de pobres e ignorantes camponeses, reunidos pela fome em aglomerações, vivendo em promiscuidade, constitui um ambiente propício para a degradação familiar” (Neves, 2005, p. 120). Conseqüentemente a massa poderosa hierarquicamente não tinha um olhar humanizador para essas figuras de retirantes em que, “por vezes, o pobre é um miserável, vítima das relações sociais, a quem a necessidade empurrou para práticas infames” (Geremek, 1995, p. 8).

Dessa forma, ocorre uma mudança no tratamento aos retirantes, pois antes o governo permitia a criação de abarracamentos ao longo da cidade, todavia essa experiência trouxe diversas problemáticas durante a grande seca do século XIX. Sendo assim, em 1915, a experiência de isolamento em um único local se tornou uma medida de impedir que os retirantes chegassem em Fortaleza e repetissem o que aconteceu em fins do século anterior, pois a cidade passava por um momento de aformoseamento conhecido como *Belle Époque*, período histórico caracterizado pela euforia com o progresso tecnocientífico, no qual a França imprimiu seu nome na arte e cultura mundial, cujos reflexos foram sentidos na capital do Ceará.

O “Campo de Concentração do Alagadiço” logo se tornou uma dura realidade para a vida da família de Chico Bento: “Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho...” (Queiroz, 2012, p. 49). É a partir do cenário apavorante dos campos da seca que podemos notar os corpos dos retirantes em condições mínimas de existência dentro desses espaços: epidemias, fome, subnutrição... Portanto, é nesse panorama de segregação de corpos que a *Mistanásia* “a morte miserável fora e antes do seu tempo” (Pattera, 2015, p. 3) se torna uma prática desumana de uma política da morte adotada pelo governo, que vai se tornando eficaz, em seus modos operantes, que facilitava e propagava a morte deliberada de retirantes que sofriam com os flagelos da seca dentro dos campos. Vale ressaltar que a “expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5). Sendo assim, é possível compreender que, nesses currais da fome, existia, através da soberania, a gerência de quais corpos deveriam morrer, “gerando violência e morte como mecanismos de segurança, eliminando de forma

impessoal esse que seria um atentado à existência dos demais” (Pereira, 2019, p. 369). Nesse viés, o campo representava como o governo assistia os despossuídos e como buscava que a ordem vigente não fosse afetada e nem os interesses das elites locais. Nesse contexto, percebemos a falta de investimentos preventivos no combate aos infortúnios da seca.

Chico Bento e sua família tinham suas vidas sem esperanças por dias melhores, salvo quando reconhecem uma antiga vizinha, Conceição, sua comadre e protagonista de outro plano do romance que era voluntária no campo de concentração, “todos os dias, na confusão de gente que ia chegando ao Campo, procurava descobrir aquelas caras conhecidas, que deviam vir bem chupadas e bem negras, provavelmente irreconhecíveis, com sua casca grossa de sujeira” (Queiroz, 2012, p. 49).

Ainda referindo-se à obra de Rachel de Queiroz, o cenário do campo de concentração da seca descrito no romance nos deixa pistas sobre o processo de segregação da pobreza e doenças neste espaço cercado:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia (Queiroz, 2012, p. 70).

Sobre as condições de miséria dentro do campo, podemos destacar partes da obra que trazem reflexos sobre o descaso com os retirantes que estavam isolados pela própria sorte nesse cercado e cárcere humano:

— E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome!
— Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha! (Queiroz, 2012, p.71).

Se torna impossível falar em campos de concentração e não despertar a memória aos campos nazistas criados durante a *Segunda Guerra Mundial* pelo estado nazista que “é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar, que culminou no projeto da solução final” (Mbembe, 2018, p. 19). Em alusão a isso, vamos recorrer a um romance literário que nos permite ilustrar o quão difícil era permanecer vivo, mas encarcerado com seus direitos suspensos, fazendo desse lugar um

sistema excludente e mortífero: “bom, amanhã cedo você pode sair e se jogar no carrinho da morte quando ele passar. Ou pode ir trabalhar nos campos até cair ou implorar para que eles atirem em você” (Morris, 2018, p. 80). Essa passagem retirada do livro *O tatuador de Auschwitz* (2018), de Heather Morris, permite percebermos as dinâmicas do poder sucumbidas por discursos que funcionam como *políticas da morte*, se lançando, na vida de alguns, os poderes da morte em que “o direito de matar está estreitamente relacionado às relações de inimizade elegendo de forma ficcional grupos inimigos” (Pereira, 2019, p. 369).

Os campos de concentração da seca, assim como os campos nazistas, foram verdadeiros laboratórios da morte, “a alcunha oferecida para aqueles corpos, aqui flagelados e lá judeus, [...] inimigos políticos era de campos de concentração, ou seja, o desejo era apenas concentrar esses corpos para atividade forçada” (Alves, 2022, p. 5). Ou seja, esses grupos, vistos como inimigos que impossibilitavam o progresso, recebiam a violência como mecanismos de segurança em que as suas vidas, historicamente destituídas de humanidade, são enviadas aos campos em “uma eloquente demonstração para o resto do mundo de como realmente liquidar todos os problemas relativos às minorias e apátridas” (Arendt, 2013, p. 215).

Por fim, a obra de Queiroz começa a finalizar com Chico Bento decepcionado com Fortaleza, pois pensava encontrar condições prósperas para não morrer na miséria. Então, decide partir junto a sua família para a cidade de São Paulo, vista como a melhor alternativa para a sua ascensão econômica:

Subitamente, Conceição teve uma ideia:

— Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul...

Timidamente, Cordulina perguntou:

— E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?

— Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré... É uma terra rica, sadia... Chico Bento juntou:

— Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro... (Queiroz, 2012, p. 60).

Após enfrentar a dureza de uma migração com sua família e de sofrer com os infortúnios, Chico Bento e sua esposa decidem sair de Fortaleza ao perceberem que suas esperanças já estavam sendo sufocadas pela dura realidade da cidade, onde o cenário era

de pura desolação. Portanto, a partir dessas passagens da obra, percebemos como a seca foi sentida e declarada por todos os personagens, entre os quais colocamos em destaque Chico Bento e sua família para exemplificarmos, a partir das narrativas do romance, o quanto a seca castigava os sertanejos e como o governo não assistia essa população.

SECA DE 1915 E 1932: CURRAIS DA FOME, HUMILHAÇÃO E REBAIXAMENTO

A partir da criação dos campos de concentração, os flagelados da seca foram sendo encurralados nesses novos espaços e encarcerados longe da capital para não atrapalhar o progresso da cidade que passava por remodelações urbanas. Segundo a historiadora Kênia Rios, os campos de concentração funcionavam como uma medida de impedir a chegada dos retirantes na capital e aprisioná-los, “os que lá chegavam não podiam mais sair, ou melhor, só tinham permissão para se deslocar quando eram convocados para o trabalho, ou quando eram transferidos para outro campo” (Rios, 2014, p. 36). Os campos logo ficaram conhecidos, pelos concentrados, como “*Currais da fome*”, em alusão aos currais de gados em que eram cercados. Portanto, as desigualdades geraram esses espaços, e a liberdade era exercida somente para alguns, ou seja, somente em favor de uma elite econômica excludente e de um governo opressor e segregacionista.

Contudo, os retirantes que buscavam por sobrevivência, pois a fome não podia esperar, eram largados à própria sorte nesses currais onde o único direito era morrer, pois a exclusão social era nítida, se os concentrados não morressem nos campos, restava as frentes de trabalho à qual eram enviados para servirem de mão de obra nas construções públicas. Como exemplifica o historiador Tyrone Cândido, “a indústria da seca deixou muita gente rica pois a condução das obras de socorros públicos não estava assim tão resguardada dos jogos de poder e disputas sociais em curso” (Cândido, 2014, p. 180).

Podemos destacar que, no *Campo de Concentração Nazista de Auschwitz*, via-se, logo na entrada, um grande portão com a frase “*ARBEIT MACHT FREI - O Trabalho Liberta*”, a frase decorava as entradas de diversos campos de concentração, tornando-se símbolo das crueldades nazistas. Essa frase tornou-se uma estratégia nazista

para enganar diversificadas vítimas que chegavam com uma sensação de que eram levadas para trabalhos, porém muitas eram executadas logo ao chegar. Em Auschwitz, a frase remete ao trabalho como liberdade, no Ceará, muitos retirantes foram se direcionando aos campos de concentração da seca pelas propagandas de trabalho e assistência que o governo emitia na época, todavia encontrava, nesses campos, um meio mais fácil de propagação da morte.

Os campos buscavam se legitimar a partir de discursos higienistas e assistencialistas que colaboraram para que os retirantes buscassem os campos pensando encontrar salvação em um momento que a fome não podia esperar. Essa experiência se tornou desajustada e cruel, pois a vida dos concentrados dentro e fora dos campos foi marcada pelas desigualdades sociais e por uma ação excludente e mortífera. Partindo da ideia de que discurso é um instrumento de poder, percebemos, em alguns momentos da história, que alguns discursos foram articulados em consonância com políticas de fazer morrer e assim permitir e validar extermínios e regimes totalitários ao longo do tempo. O historiador Achille Mbembe (2018), estudioso de Michel Foucault, em seu livro *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*, propõe olhar o poder da morte, ou seja, o poder de ditar quem pode ou não viver, com base no “deixar morrer” que se torna aceitável para alguns corpos.

as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas como objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de mortos-vivos (Mbembe, 2018, p. 71).

É permitido perguntar: qual corpo é consentido deixar morrer? Os corpos matáveis e bons para eliminação a partir de discursos necessários para a política de segurança de alguns, são aqueles corpos despossuídos de poderes e atravessados pelo racismo que, por muito tempo, regula a morte. Outra pergunta passível de ser feita, com base no ano de 1915, que inaugurou os campos de concentração da seca no estado do Ceará, encurralando os retirantes em um único espaço e partindo dessa nova forma em dar condições mínimas de sobrevivência nesses espaços, ou seja, possibilitar o deixar

morrer, percebemos quais corpos podem ser deixados para morrer: o sertanejo, o pobre, o negro, ou seja, aqueles corpos sofrendo com os flagelos da seca e que estavam atrapalhando o progresso.

No mais, essa medida exposta no livro *O Quinze* (2012), já discutido anteriormente, rememora, através da literatura, esse momento em que o trabalho penoso e o cercado eram o que sobrava para os sertanejos. Ademais, é relevante expor o ano de 1932 em que outra grande seca se alastra no estado do Ceará e agora não apenas um campo de concentração é erguido, mas sete campos de concentração são estrategicamente instalados em todo o estado do Ceará, sendo distribuídos: em Fortaleza, com a instalação de duas concentrações (Campo do Octavio Bonfim e o Campo do Urubú), em Quixeramobim, em Cariús, no Crato (Campo do Burity), em Ipú e em Senador Pompeu (Campo Patu) para encurralar os retirantes e impedir que estes chegassem na capital:

A instalação dos campos se deu a partir de dois critérios básicos: 1) do ponto de vista da localização, as concentrações são espalhadas pelo estado, evitando o acesso à capital e às aglomerações urbanas; 2) do ponto de vista da organização, a conexão com o trabalho nas obras públicas deveria ser o princípio fundamental. (Neves, 1995, p. 108).

Esses locais de aprisionamento humano, durante as referidas secas, se tornaram espaços de sofrimento e morte. Logo, essas instalações fizeram parte de ideologias de progresso e higienismo onde a seca se tornou um investimento e o povo sertanejo um atraso e apenas sua mão de obra em obras públicas era bem-vinda, nesse caso, essas obras ajudaram na mortandade desse povo oprimido e segregado pela força do poder. Nesse sentido, a escolha se pautava em qual corpo poderia deixar de existir e, nesse caso, o sertanejo desafortunado seria a preferência. Sobre isso, percebemos a segregação e crueldade que os flagelados da seca tiveram suas vidas sujeitas a condições mínimas de existência, sofrendo com a fome, cansaço e doenças e suas vidas estavam ligadas a um regime de trabalho forçado e ao encurralamento de seus corpos nos currais que revelavam como era fácil morrer ali.

Por consequência, desse amplo universo que analisamos sobre a seca, no decorrer da presente pesquisa, até aqui, *O Quinze* (2012) nos fomentou conhecimento sobre o contexto e os desajustes sociais ocasionados pela seca, nos permitindo vislumbrar

aspectos importantes da literatura capazes de ampliar nossa percepção sobre o momento histórico exposto. Portanto, para finalizarmos nossa pesquisa, permitimos deixar marcado um espaço localizado geograficamente na cidade de Senador Pompeu, no estado do Ceará, precisamente na macrorregião do Sertão Central, distante 231 km da capital, sendo um dos lugares escolhidos estrategicamente para a implementação de um dos campos de concentração no ano de 1932.

O Sítio Histórico do Patu ou *Campo Patu*, como é conhecido popularmente, é um dos espaços da experiência de encurralamento dos flagelados da seca, sendo um dos sete currais da fome que disseminaram uma política da morte em 1932. Esse campo em Senador Pompeu se torna diferente dos demais campos de 1915, do Alagadiço e dos outros seis campos de 1932, pelas suas ruínas ainda estarem erguidas no tempo presente, diferentemente dos demais, esse campo utilizou uma *Vila Inglesa*, erguida anteriormente para outros fins, para servir como palco para o sofrimento dos flagelados e encurralar esses sujeitos. Por essa razão, esse lugar não foi destruído e apagado como os demais campos. Logo, as ruínas permitiram manter viva essa história que ocorreu abaixo da linha do Equador e anterior aos campos de concentração nazistas e que precisa ser trazida à tona como uma medida atroz de como o governo costumava assistir aos despossuídos e para que jamais possamos esquecer desse momento histórico de sofrimento de uma população que historicamente foi marginalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao analisar o romance e dar notoriedade às ações e ao meio social em que os retirantes estavam inseridos durante a seca, buscamos enfatizar os reflexos de como o governo era omissivo ao povo que mais sofria com a seca e como os incômodos com a miséria tinham argumentos necessários para o controle dos flagelos. Logo, medidas extremas foram tomadas, a exemplo dos campos de concentração da seca. Deste modo, rememorar as cenas do romance faz pensarmos criticamente sobre as consequências da seca e a necessidade de uma política mais rígida que trave uma luta para amenizar os problemas gerados pelas estiagens. No mais, a história desses sujeitos, em sua maioria anônimos que morreram nesses currais a partir da falta de assistencialismo do governo e do caráter brutal de uma política da morte precisa, ser

lembrada para preservarmos a memória e a história desses sujeitos que sofreram no passado e constituem parte da história do nosso Ceará, assolado pela seca.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Valdecy. *Campos de concentração da seca de 1932 no Ceará: múltiplas versões e reverberações contemporâneas/ organização Valdecy Alves*. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2022.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Editora Companhia das Letras, 2013.

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura: novas relações para os novos tempos. *Revista de Artes e Humanidades*, n. 6, p. 1-27, maio/out. 2010.

CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; CÂMARA, Yls Rabelo. Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em *O Quinze* (1930). *Revista Entrelaces*, ano V, n. 06, jul./dez. 2015.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Proletários das secas: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-1919)*. 2014. 354f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza (CE), 2014.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta; 1ª edição, 7 agosto de 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 19.

GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim*. Vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700. Tradução: Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 7.

GODÓI, Bianca Rezende. O regionalismo na obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz e a crítica ao papel da mulher nordestina em seu tempo e espaço. *Revista de Ciências Humanas*, n. 2, 2018.

LIMA, Maria do Socorro de Abreu. *Trabalhadores rurais diante da violência*. Trabalho e trabalhadores do Nordeste: análise e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: Eduepb, 2015, p. 309-327.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94, jun., 2017.

MORRIS, Heather. *O tatuador de Auschwitz*: baseado na história real de um amor que desafiou os horrores dos campos de concentração. Tradução: Petê Rissatti e Carol Caires Coelho. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

NEVES, Frederico de Castro. *Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político* (Fortaleza, 1877-1915). *Trajeto (UFC)*, Fortaleza, v. 6, n.6, p. 113-138, 2005.

PATERRA; M. T. G. Mistanásia e as ações desumanas do ser humano: dos campos de concentração nordestinos ao holocausto brasileiro. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da faculdade eça de queirós*, issn 2179-9636, ano 5, n. 19, 2015.

PEREIRA, Juliana Martins. MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018. 2019.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro : José Olympio, 2012.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina I*. A colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 107-126

REBOUÇAS, Aldo da C. Água na região Nordeste: desperdício e escassez. *Estudos avançados*, v. 11, p. 127-154, 1997.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

TAMARU, Angela Harumi. *A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz*. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2004.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

TRAVASSOS, Lidiany Soares Mota. *Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-Ceará*. V Colóquio de História: Perspectivas históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. p. 717-730, 2011.

Recebido em: 23/10/2023

Aceito em: 02/06/2024

Soraia Costa Magalhães: Graduada em Lic. em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC-UECE; Mestranda pelo programa de Pós graduação do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras/MIHL da Universidade Estadual do Ceará/UECE e pesquisadora com vínculo na Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico/FUNCAP.